



Laços de Família

Fora do feitiço do africano estrangeiro, é a família e a capacidade de diferenciação dentro do cativo, negociando nas brechas da política de domínio senhorial, que irão permitir um rompimento real com a violência genérica imposta pela escravidão na tradição discursiva aqui considerada. É a partir da memória familiar e de outras possibilidades concretas de diferenciação do estereótipo da condição cativa que a maioria dos narradores vai construir suas identidades sociais. O recrudescimento do tráfico interno, após a extinção do tráfico atlântico, marca a geração dos avós e bisavós escravos dos depoentes selecionados, tanto quanto o contexto da Lei do Ventre Livre. Seu impacto sobre as chances de coesão da família escrava são evidentes, apesar da lei aprovada em 1869, proibindo a separação de casais e de seus filhos até 12 anos. Apesar disto, são a força e importância das relações primárias (pai, mãe, filhos) que mais se evidenciam nas narrativas, marcando a originalidade e humanização dos antepassados do entrevistado face à animalização genérica que estrutura a memória coletiva sobre os significados da escravidão.

Minha avó foi vendida como escrava para uma fazenda quando ela era criança. Os fazendeiros compravam as crianças no jacá. Jacá era um balaio, então botava lá, lá e cá, criança, lá, criança cá, eles compravam e vendiam pra outra fazenda. E aqueles pais não viam nunca mais, nunca mais, a criança. Minha avó foi assim. Então ela contava pra nós. Ela usava salopa tampando em cima do pé, cordão na cintura, e ela falava: “nunca mais vi os meus pais, fui escrava em outra fazenda”. Ela tinha sete anos quando foi vendida. Parecia pintinho dentro do jacá. (Júlia, RJ, 62 anos, 12/11/1994)

Meus avós já foram ventre.livre. Meu avô por parte de mãe já entrou no ventre livre e a vovó também. Agora, já por parte de pai, eles vieram vendidos da Bahia pra cá. Meu avô por parte de pai veio da África. E a vovó veio da Bahia. Eles trabalhavam aqui pro sinhozinho na Fazenda São José. Meu pai eu conheci muito, minha avó também conheci, e eles contavam histórias.

Meu pai veio da Bahia com a mãe, mas a avó, mãe da mãe dele, ficou lá na Bahia. Aí ele, o vovô e a vovó foram vendidos pra cá. Ele veio mamando. Os irmãos deles ficaram na Bahia.(D. Zeferina, RJ, 66 anos, 15/05/1995)

A minha mãe foi ventre-livre, mas ela carregava, olhava criança da minha patroa no restante do cativo, né? Olhava criança. Quem falava do tempo do cativo era o meu patrão. Meu patrão era um dos carrascos que suspendia o escravo no couro. Mas a minha mãe falava que eles não tinha tido muito problema porque o sinhô deles

era bom. Do lado da mãe que foi preciso eles libertarem a mãe, comprar a alforria, mas pro lado do pai, do pai dela, eles foram muito bons! Os sinhôs do lado do pai eram todos bons! O sobrenome deles é Mendes. Lá em São Roque tem muita família Mendes. A família Mendes lá era dos filhos desses sinhôs. A minha mãe também tem o sobrenome Mendes. Porque os escravos tinham o sobrenome dos sinhôs. Quase todo lugar era assim, os escravos tinham que . usar os sobrenomes dos sinhôs. O pai da minha mãe chamava Inácio Mendes, então todos lá eram Mendes. Usavam o sobrenome do senhor.

Mas tinha senhor que fazia muita judiação. Minha mãe mesmo contava. Quando eles faziam qualquer coisa errada, eles punham no tronco. Tinha alguns que não aguentavam três dias, no segundo dia morria. (Maria Francisca Bueno, SP, 106 anos, 09/05 e 16/05/1987)

Escravo que nascesse na propriedade deles levava o sobrenome deles, mais pra constar que era uma propriedade deles, só, era só pra constar que era uma propriedade deles. Era mesmo como um animal. Fica jogado, trabalha, come no

cocho, essas coisas, apanha quando o dono está nervoso, quando os negócios dele não correm bem. A senhora pode correr nomes de pessoas negras com o nome Prado, Ferreira, Oliveira, Siqueira, até conheço negro com o sobrenome Dantas. Não faz muito tempo eu descobri um negro em Laranjal, negro, bem preto, que nem eu, chama-se Abraão Lincoln, o filho chama-se Antônio Lincoln, Abrahão Lincoln foi o governador dos Estados Unidos que acabou com a escravidão e por causa disso mataram ele. É, por isso mataram ele. Então os nomes dos negros vinham assim. Então o meu nome é Prudente. Os meus avôs e minhas avós eram negros, eu estou com setenta e três anos, ela morreu com noventa e quatro anos, ela levava o nome de Lucrécia, Lucrécia Bruno de Arruda, calcule, negra africana.

Meu avô, meu pai não foram escravos, agora a minha avó, a minha avó contava, ela foi escrava de Prado e Ferraz Arruda. Ela nunca apanhou, diz que apanhou somente uma vez porque ela apanhou uma laranja num pé de laranja sem pedir. O pomar estava cheio de laranja, então ela diz que tomou umas chibatadas uma vez porque não pediu, uma única vez, era uma negra muito prestimosa. Não sabia ler, mas era inteligente, dentro de uma cozinha não tinha o que ela não fizesse. Não tinha o que ela não fizesse dentro de uma cozinha. Hoje precisa de livros que ensinem as artes culinárias, essas coisaradas todas. Minha avó entrava numa cozinha para fazer banquete pra casamento. (Pedro Francisco Prudente, SP, 73 anos, 05/09/1987)

A narrativa que se segue, editada a partir do depoimento de Izaquiel Inácio a Ana Lugão Rios é paradigmática da coincidência narrativa que estamos destacando, contrapondo a violência genérica do cativo com a diferenciação e identificação positiva da trajetória familiar. Vai muito além, porém, destes elementos centrais, exemplificando também um tipo de narrativa oral de maior densidade literária.

É, naquela ocasião meu pai contou para mim que um fazendeiro de onde ele morava, que era o fazendeiro que ele morava na terra dele, o meu avô era escravo ali, então eles fizeram uma aposta. Meu avô era muito trabalhador, trabalhava muito,

muito trabalhador, então o fazendeiro achou de fazer uma aposta com outro fazendeiro, dizendo que o meu avô apanhava mais café, ele sozinho, do que todos os escravos daquela outra fazenda. Então o fazendeiro pegou e fez uma aposta com o outro, de fazenda contra fazenda. Se meu avô não apanhasse mais café que os escravos dele, que ele dava a fazenda para o outro, se meu avô apanhasse mais café, o outro perdia a fazenda. Depois disso ele mandou, falou com o meu avô que ele fosse na tal fazenda apanhar café. Mas não disse nada ao meu avô que ele tinha feito essa aposta com o outro, mandou que ele fosse apanhar café na tal fazenda e só. Aí o meu avô foi apanhar café nessa fazenda, mas o fazendeiro falou para ele que não almoçasse nessa fazenda não, que o almoço dele ia de casa, da fazenda dele. O almoço ia para ele lá, que ele não almoçasse não. Então meu avô foi apanhar café, disse que nunca tinha acontecido isso, dele sair dali para apanhar café pra outra pessoa.

O trato era que o meu avô ia apanhar café no cafezal novo, porque o café novo é baixinho. O café baixinho tem muita facilidade para se apanhar e os outros apanhavam no cafezal velho. Então ficou assim o trato. Andou, andou muito, porque a fazenda era longe, porque a fazenda naquele tempo de uma para outra era bem longe, porque eles tinham terra à vontade, muita terra, então custava a chegar em outra fazenda. Então o meu avô andou muito para chegar nessa fazenda. Então chegou lá. E quando chegou lá, o outro fazendeiro disse “ah, você veio, então você vai...” “Sim, você vai apanhar café”, foi na mesma hora que ele chegou que os outros foram também apanhar café. Mas o fazendeiro de cá não foi não. Você vê que o trato era tão firme que ele nem foi, mandou só que meu avô fosse e não falou nada com ele a respeito desse trato, dessa barganha, de fazenda contra fazenda, da aposta. Então o meu avô ficou cismado, desconfiado, havia qualquer coisa, porque ele nunca havia saído da fazenda para trabalhar em outra fazenda e como naquele dia ele mandou ele apanhar café nessa outra fazenda, ele ficou cismado. O meu avô era muito cismado, desconfiado... então o dono da tal fazenda falou: “você vai apanhar café aqui, café aqui. Esse cafezal aqui é para você apanhar. E vocês vão apanhar do lado de cá, no outro morro, você apanha aqui sozinho”.

E aí ele foi apanhar café e ficou pensando o que é que está havendo? O que será que está acontecendo? Mas começou a apanhar. “O seu café você vai colocar aqui, no rancho, mas separado dos outros, os outros colocam aqui nesse monte, nesse monte é o lugar deles colocar e você coloca o seu café aqui. Quando você trouxer, você coloca aqui”. Aí o meu avô desconfiou, achou que... então havia qualquer coisa naquilo, havia qualquer coisa, aí ele começou a bater a mão, apanhando café, apanhando café, e coisa, apanhava, levava para baixo, colocava lá, enchia a baladeira, o negócio de apanhar café chama baladeira, tinha uns que era pileira, mas tem outros lugares que chamava baladeira, quer dizer, tinha outro formato. Então colocava na baladeira e levava para baixo, pegava café, enchia a baladeira, levava para baixo, enchia a baladeira levava pra lá, colocava no mesmo monte. Os outros também enchiam lá e botavam no outro monte separado e ele sempre desconfiado, existe uma coisa qualquer, ou pancada ou qualquer coisa, ou eles vão me bater, qualquer coisa, existia uma coisa qualquer. E ele continuava apanhando, apanhando café, apanhando café, botando pra lá.

Aí o meu pai foi levar o almoço do meu avô, mas ele chegou numa base mais ou menos já de quase 3 horas da tarde. Foi quando ele trouxe a comida. Aí, chegando lá, ele chamou... “papai, papai, papai?” Meu avô: “o que que é?” “O almoço do senhor está aqui”, o meu pai que foi levar, “está aqui o seu almoço”. Certamente ele passou na fazenda e falaram para ele em que lugar eles estavam apanhando o café e coisa. Aí ele chegou lá, começou a gritar chamando, aí o meu avô falou: “deixa aí ... pode deixar aí embaixo do monte de café, no rancho, que daqui a pouquinho eu desço e vou almoçar e você pode ir embora, não precisa ficar me esperando não, pode ir embora.” Aí o meu pai deixou a vasilha do almoço e voltou para casa. Foi embora para casa, porque o meu avô não morava na senzala, junto com os outros não. Meu avô tinha uma casinha de sapê bem fora da fazenda, retirada um pouco, fora da fazenda. Ele não dormia junto com os outros não, deixavam ele dormir separado dos outros. O fazendeiro deixava ele dormir separado dos outros. Porque, eu não sei, mas diz o meu pai que ele dormia sempre separado, não dormia dentro da senzala não, dormia numa casa separada. Então aí ele veio, almoçou e coisa e voltou.

Quando foi mais ou menos tantas horas, daqui a pouco o capataz daquela fazenda, da tal fazenda, começou a bater nos outros, nas pessoas lá no serviço, dando pancada nos outros lá no serviço, batendo, batendo, nos outros lá... e ele desconfiou, “vai me bater também, eles vão me bater aqui, eu não sou daqui, eles vão me bater, vou apanhar aqui”. Apanhando café, apanhando café, apanhava aqui e jogava lá no monte, apanhava mais e jogava lá no monte, porque ele ficou cismado que havia qualquer coisa. Então ele apanhava café e jogava lá no monte, jogando no monte e coisa. Então chegou tantas horas o capataz foi lá e mediu o café que ele apanhou, mediu o dele, mediu do outro, mas não falou, não falava nada. Eram dois capatazes que batiam nos outros lá no serviço, tinham dois. Então eles iam lá, mediam o café dele e mediam do outro. Até que um falou... “vão embora, gente”. Aí disse que eles desceram, foram embora junto com eles lá pra baixo e já foram batendo no povo, no povo lá da fazenda. Aí o fazendeiro veio encontrar e falou: “o que aconteceu, o que é que aconteceu?” “Olha, de fato foi verdade, ele sozinho apanhou mais café que eles todos, de fato foi uma verdade, ele apanhou mais café, o senhor perdeu a fazenda”. Ele falou: “Ué, o que é que está havendo?” “O senhor perdeu a fazenda. Ele apanhou mais café mesmo.” “Apanhou, apanhou mais café?” “Apanhou mais café que eles todos”. Aí ele começou a bater... e diz que meu avô ouviu os outros dizerem “pode deixar logo nós vamos acabar com ele, com a raça dele. Logo na hora dele dormir nós vamos acabar com a raça dele.”

Quem falou isso era quem estava apanhando, os outros escravos. Falaram assim... acharam que o meu avô de noite ia dormir com eles e eles iam jogar ele para os porcos, para os porcos. Porque eles dentro da fazenda tinham uma senzala que era alta. Dentro da senzala, o meu avô disse que tinha um buraco grande assim, que ali eles faziam as necessidades deles, as fisiológicas, as necessidades deles ali no buraco. Ali também tinha uma porcada lá embaixo, muita porcada, muita quantidade de porco, então aquela porcada comia aquela coisa que eles jogavam por ali, coisa e tal, então se eles jogassem uma pessoa ali, já caía em cima dos porcos e de manhã cedo só tinha quase só osso. Estraçalhavam aquilo tudo, se a pessoa se jogasse ali. O buraco era tão grande que quem passava naquele buraco já caía em cima dos porcos, os porcos já traçavam, matavam aquela pessoa. Disse que eles matavam gente até da

própria fazenda. Eles matavam os próprios colegas dali. Por qualquer coisa, eles jogavam em cima do buraco, pros porcos, os outros jogam dentro do buraco em cima dos porcos, os porcos matavam aquela pessoa. Eles comiam, comiam a pessoa e tudo, só aparecia algum osso de manhã cedo, algum osso, comiam tudo, os porcos. Então o meu avô já com medo daquilo, falou assim, “eles vão me matar” pois o pessoal da outra fazenda estava pensando que ele fosse dormir ali. E ele ia dormir mesmo ... E o fazendeiro dizia ...“mas será possível, vocês me fizeram perder a fazenda, vocês apanharam menos café, vocês tantos, tantos, apanharam menos café do que um só, um só apanhar mais café que vocês, não é possível, eu perder uma fazenda de café por causa de vocês, vocês são muito ruins de serviço”, essa coisa e tal. Eles apanharam toda a vida, apanharam muito.

Quando chegou a noite, o fazendeiro falou assim: “olha, você quer jantar, vamos jantar com os outros lá?” “Não senhor, não quero janta não”; “Mas você não quer jantar?” “Não, não estou com apetite, não quero jantar não senhor” “Dormir, você dorme ali, com eles ali” “Não senhor, dormir também não vou dormir não, vou embora” “Você vai embora a essa hora, mas você vai chegar muito tarde” “Mas não tem importância não, eu vou embora, não vou dormir aqui não, vou embora, meu trato lá foi esse com o meu senhor, de eu dormir lá na fazenda, não dormir aqui”. Aí ele foi e falou assim: “Está muito bem, você não quer dormir, então não dorme”. Aí ele se despediu dali e saiu e os outros ficaram de água na boca, porque estavam com vontade de matar ele. E aí o meu avô foi embora, foi embora pra fazenda que ele morava.

Quando ele chegou lá, chegou muito tarde, porque era longe, de fato era longe, chegou muito tarde, o fazendeiro já estava dormindo. Quando chegou ali, ele chegou primeiro na casa dele que era lá fora, mas ele tinha que dar notícia, qualquer coisa... Chamou então o fazendeiro lá na fazenda de noite, chamou, chamou, ele acordou e veio e falou assim... “você está chegando, você não foi para casa não?” “Não senhor, eu vim aqui Nono, dar a notícia do que aconteceu. O senhor quando fizer essas coisas de fazer essas apostas, o senhor me avisa, não faz isso. Eu se não conheço um palmo na frente do nariz, o senhor perdia a fazenda, mas o senhor amanhã pode arriar o seu cavalinho, mandar arriar o seu cavalinho, monta em seu

cavalo, pode ir pra lá, que a fazenda já está ganha. Mas o senhor me avisa, não faz isso não, me avisa”. “Então você não quis dormir lá mesmo, não?” “Não senhor, dormir não, no pegar um balaio de café, me deu um mal jeito”. Mas diz o meu pai que não foi mal jeito nada, que ele falou que tinha dado mal jeito porque ele não queria ficar lá mesmo, na fazenda, então ele falou “deu mal jeito, estou com uma dorzinha no peito, então por isso que eu vim embora”. “Mas espera aí, deixa eu dar um remédio”. Aí ele então entrou para dentro... porque todos os fazendeiros naquela ocasião eram botiqueiros, eles faziam o remédio lá na fazenda, faziam o remédio, eram botiqueiros. Então fez o remédio lá, então ele esperou na janela da casa... ele veio com aquele remédio e falou assim: “toma, pode beber aqui”. Aí ele fez que bebeu, mas não bebeu nada, estava no escuro, não tinha eletricidade igual nós temos hoje, então era tudo lampião de querosene, ou azeite. Naquele tempo o que usava mesmo era azeite. Naquele tempo não era querosene não, porque querosene dava muita fumaça, mais era azeite, lampião. Então ele veio com aquele lampiãozinho e deu, mas ele... colocou no queixo o remédio, naquele canecazinha e deixou entornar pelo peito o remédio. Diz que deixou entornar pelo peito e não tomou nada. E o fazendeiro falou assim “bom, agora você pode ir embora, quatro dias você não me aparece aqui na fazenda, fica por lá junto com sua mulherzinha em casa, junto com suas crianças, pode ficar quieto lá, não me aparece aqui, quatro dias, pois é, amanhã eu vou lá para receber essa fazenda”.

Agora vê que antigamente como é que eram as coisas. O trato era um fiapo de cabelo de um bigode, aquilo eles já tinham trocado, aquele fiapo de cabelo do bigode, aí depois ele foi na fazenda lá e recebeu a fazenda. Não precisou ninguém, não precisou ir em nada, aquilo foi falado, uma coisa certa e acabou. Ele podia até falar que não apanhou mais café, porque meu avô não sabia de nada, podia até falar que não, não perdia a fazenda. Não tinha ninguém ali da outra fazenda, não dava pra ver nada, quando tava medindo café, não tinha ninguém vendo, foi tudo na sinceridade. Tudo sério, coisa séria. Então diz que ele montou a cavalo e foi lá receber a fazenda, estava ganha a fazenda. Aí o meu avô por quatro dias ele não foi na fazenda, não foi trabalhar, não foi nada, ficou em casa de *flozô*. Pois é, isso meu pai me falou e acredito que seja uma grande verdade, ele não era de mentir, um

nada, não era de mentir, se ele falava alguma coisa aquilo era certo, sempre graças a Deus, ele era um homem muito sério, para todo lugar aqui em Paraíba eles falam, “você é filho do Atílio”, então aquele era um homem sério, falava as coisas tudo certinho, não usava mentira, não usava nada. Porque naquele tempo não se usava mentira... (Izaquiel Inácio, RJ, 72 anos, 19/09/1994)

Quando uma diferenciação da experiência familiar específica, em relação à condição genérica da violência no cativeiro, não pode ser feita, são o silêncio e o esquecimento que se instalam de forma voluntária na tradição familiar. Um inventário destes silêncios é tão eloquente quando o das narrativas genéricas sobre o tempo do cativeiro ou daquelas que celebram a distinção positiva da trajetória familiar. Por vezes, por sobre a eloquência dos silêncios surgem metáforas mais significativas do que qualquer narrativa "realista".

Minha mãe era filha mais nova. Os outros não conheci, mas ela tinha mais filhos. Porque a minha avó, os primeiros filhos dela, davam lá para as pessoas lá, que compravam escravos, sei lá. Minha mãe e meu tio já não eram desse tempo, está entendendo. Minha mãe dizia que os filhos primeiros eram do sinhozinho deles lá. Ela dizia que a mãe dela contava que dava de mamar aos filhos do sinhozinho, que os filhos dela choravam para mamar e ela não podia alimentar. Ela estava na cozinha então e na hora em que ela tinha aquela folga, que podia alimentar a filha, alimentava era o filho do patrão que mamava no peito. O filho dela mais velho era maluco por isso. Então ela deixava de amamentar o dela, porque era obrigada. Era obrigada para alimentar o do patrão. Aí depois não sei, foram libertados, só sei que depois...ah, se eu tiver que explicar não sei. Só sei que quando ela ganhou meu tio e minha mãe, ela já não estava dominada ali, naquela fazenda. Só sei disso, porque muita coisa as pessoas de idade não gostavam de contar.

Os filhos dela eram filhos do fazendeiro, ela amamentava os filhos dela e os filhos do fazendeiro. Não tem uma fazenda lá pelos lados de Monte Cristo? Agora aquela fazenda é de um pessoal de fora que comprou esta tal fazenda. Uma fazenda

muito grande, eu fui lá depois de casada. Tinha esse negócio de senzala, de escravos e eu fui lá. Eu passei pela fazenda para pegar o caminhão de leite, aí então mamãe falou, aqui é que eu nasci, foi por aqui. Mas engraçado, ela lembrou assim, com aquele pesar, gostava dali, não sei. Ela falava: “Ah, nasci aqui”. A gente sentia que ela gostava, aquele lugar tão feio, tinha até esse negócio de correntes, uma coisa esquisita. Eu falei assim, minha Nossa Senhora vamos sair daqui de perto, tomara que esse caminhão vá embora. Ela passou muito trabalho. Apanhar acho que ela não apanhou não. Mas minha avó, faço uma idéia de como ela apanhava. Depois ela foi para a cozinha, aí a vida dela melhorou. Mas só dela ter os filho dela e quando eles choravam para mamar, ela ter que dar de mamar a outra criança e deixar o dela com fome, isso já é um castigo, é um castigo. Deus me livre! Já pensou? Na hora que ia dormir é que ela podia amamentar, mas era obrigada, se não desse, a patroa batia, apanhava. Eu não sei como criava uma pessoa. A minha avó era forte, uma mulata muito forte, caprichosa, aquela roupinha tudo clarinha. Como é que pode? Viveu aquele sacrifício todo, ela morreu...

Uma coisa que me lembro também quando morava na fazenda, é uma cobra que mamou na minha tia. Isso eu me lembro. Quando a gente era pequena a gente era curiosa, então às vezes você nem conhece essas coisas...Abóbora d'água, abóbora d'água você conhece? Lá na fazenda dava aquelas grandonas assim, daquelas compridonas e dava uma redonda, que as pessoas até guardavam as coisas, roupas pequenas, mantimento, então isso eu me lembro. Então minha tia estava criando um dos filhos, me lembro também, essa criança morreu, aí sempre minha tia dormia, estava cansada e dormia. Essa criança começou a emagrecer muito, aí uma vizinha deles falou assim pro meu tio na lavoura: "ih, cuidado, a Lúcia dorme bem de noite" (Lúcia é mulher do meu tio). Aí meu tio falou: "dorme bem." "Então cuidado que cobra deve estar mamando nela. Vocês passem a vigiar." Então tinha o eitião assim, aquele pau de negócio de sapê, e por cima da cama deles tinha aquelas cuiá de abóbora d'água redonda, grandona. Tinha tampinha, meu tio era caprichoso, punha aquela tampa e punha assim um araminho pra destampar, ou numa vasilha de mantimento. Aí então meu tio ficou com aquilo na cabeça. Mas será que tem cobra mamando na Lúcia, não é possível, será que a gente dorme e não vê?. Aí então meu

tio pegou e vigiou, foi pra cozinha e toda hora vinha olhar, quando ele olhou a cobra já estava no peito da minha tia e do modo que ela enrola, a ponta do rabo dela ela põe na boca da criancinha, e a criancinha fica chupando. Aí meu tio ficou pensando como é que ele ia fazer, sem poder fazer nada e minha tia dormindo. Diz que ela não morde, não morde, e ela dormindo e a criança também, aí depois ela largou o peito, subiu e entrou, ela dormia ali. Aí meu tio contou que deixou e quando foi de madrugada, a cobra ressonando, ressonando direitinho, aí ele chegou (essa dona, essa vizinha dele, já tinha falado como fazia), acendeu o fogo do lado de fora, trouxe uma vasilha grande de água fervendo e jogou nela. Diz que ela pulava, mas pulava muito, e o meu tio falou que ficou com aquele medo, e pensou que a cobra ia morder ele, a mulher e todo mundo. As pernas dele bambearam, era aquela cobra caninana. Aí meu tio disse assim...meu Deus, minha Nossa Senhora, me ajude. Aí disse que o bicho bateu, bateu, depois parou. Aí meu tio pegou e jogou pra lá. Quando o dia amanheceu ele falou: não é possível, esse bicho tem que estar morto. Aí ele pegou num pau, esticou ela num terreiro, aquela bicha grandona, tinha mais de um metro, aí depois ela começou a soltar o leite para fora, aí ele foi lá na fazenda comunicar. Chamou e falou assim, essa cobra estava dormindo lá no meu quarto. Então perguntaram para ele: .“Ah, Ormindó, como foi acontecer isso?”. “Eu não sei ué. Eu conversando lá no eito (eles falavam eito, de café), então a fulana de tal falou pra fazer isso, que podia ser só cobra, essa criança secando do jeito que está”. Aí ele falou “eu ví a cobra mamando”. Passou 8 dias e a criança morreu. A criança não se alimentava, sei lá. Aí então depois ele também não falou não. Aí ela falou assim... “ué, Ormindó, como é que essa cobra botou leite assim? Você pôs leite aqui?”. Não, ele ficou com medo de falar e a mulher morrer. Aí depois, passado uns dias, a dona da fazenda foi na casa de minha tia e falou..."olha, vocês fazem outra casa pra vocês e não quero essas cuias de vocês dentro do quarto. Porque eles também davam ordem dentro das casas das pessoas. Porque aquela cobra que o Ormindó matou, ela mamou em você. Ih, disse que minha tia ficou perturbada, não dormia, não comia, tudo que ela via e falava era sobre cobra, ela ficou doente. Aí levaram não sei pra onde, trataram dela, depois ela ficou melhor. Diz que foi uma coisa horrível, meu tio

contava, não contava? Não contava pra vocês isso? Isso aconteceu mesmo. (D. Nininha, RJ, 59 anos, 19/09/1994)

Eu não me recordo mais nada do que os antigos diziam porque, você sabe, na época a gente conversava até pouco, a gente fazia muito era trabalhar. Acontece o seguinte, grande parte dos negros naquele tempo sofria muito, eles sofriam. Eles sofriam mas eles não contavam não. Não contavam pra ninguém não. Aquilo ficava com eles mesmo, que sofria a vida toda. E também evitava de estar falando essas coisas com alguém por causa do sofrimento. (Adrelino, ES)

Os únicos cativos aqui da minha gente foram só minha avó e meu avô. Por isso que eu não gosto nem que fale, porque me dói o coração, porque o que eu vi na televisão me dói o coração de ver aquele sofrimento. Eu quando vim no mundo, a minha mãe foi ventre livre, não era escrava. Ela não falava disso não. Eu fui ver sobre o cativo direito foi na televisão. Mas eu não gosto desse assunto nem na televisão. Me dá aquele nervo. Me dá aquele nervo de saber o sofrimento que eles passaram, me dá. Me dói ver que às vezes minha avó e meu avô passaram por aquilo tudo. É isso aí que me dói. Eu não gosto, me dá no nervo. Não quero saber, não quero saber, eu não vi minha mãe, mas me dói o coração. Não gosto de falar porque era minha avó! Mas quando Deus quer, o que se vai fazer. (...) Não era dizer que era minha gente. A gente não falava sobre escravo. Não falava não. Eu vi bem a escravidão foi pela televisão. Mas que eles falavam, não falavam não. Minha mãe não contava nada. Ela dizia: "Mas eu não gosto, não quero, não gosto de falar". (Maria Francisca Bueno, SP, 106 anos, 09/05 e 16/05/1987)
